

III Seminário Cidade, Territorialidades e Interseccionalidade – 2025

Territórios em Luta: Práticas dissidentes de (re)existência

OLHARES COLONIAIS E MEMÓRIAS DE RESISTÊNCIA: MOCAMBOS E QUILOMBOS DO TROMBETAS E DO BAIXO AMAZONAS NOS RELATOS DE VIAJANTES E NA HISTORIOGRAFIA CONTEMPORÂNEA

BOMFIM, PAULO ROBERTO DE ALBUQUERQUE¹; CAVALCANTE, CLARISSA MACIEL²

Sessão Temática:

1 – Memória, identidade e (re)existência

RESUMO: Pretende-se analisar os olhares de viajantes e exploradores do século XIX e início do XX sobre os quilombos do Trombetas e Baixo Amazonas, em contraste com a memória social e a historiografia contemporânea. As crônicas de viagem descrevem comunidades quilombolas como espaços de desordem e degeneração, reforçando estereótipos coloniais e raciais. Contudo, esses relatos também documentam práticas culturais, formas de sociabilidade e estratégias de territorialização, revelando a vitalidade dessas comunidades. Em contraposição, estudos recentes e a memória coletiva destacam a historicidade dos quilombos amazônicos, enfatizando sua autonomia econômica, organização social baseada no uso comum da terra e a fuga como ato fundador de liberdade e resistência. A partir de uma leitura crítica e comparativa, argumenta-se que os relatos de viajantes, apesar de atravessados por preconceitos, constituem registros fundamentais para compreender a resiliência quilombola na Amazônia. Ao reconstituir os significados de mocambo e quilombo, evidencia-se a passagem de categorias coloniais estigmatizadas para símbolos de luta e identidade, reafirmados na atualidade pelas comunidades remanescentes.

PALAVRAS-CHAVE: quilombos; viajantes no Brasil; história da Amazônia; olhares decoloniais; memórias coletivas.

COLONIAL GAZES AND MEMORIES OF RESISTANCE: MOCAMBOS AND QUILOMBOS OF THE TROMBETAS AND LOWER AMAZON IN TRAVELERS' ACCOUNTS AND CONTEMPORARY HISTORIOGRAPHY

ABSTRACT: This study aims to analyze the perspectives of travelers and explorers from the 19th and early 20th centuries on the quilombos of the Trombetas and Lower Amazon, in contrast with social memory and contemporary historiography. Travel chronicles portrayed quilombola communities as spaces of disorder and degeneration, reinforcing colonial and racial stereotypes. However, these accounts also documented cultural practices, forms of sociability, and strategies of territorialization, revealing the vitality of these communities. In contrast, recent studies and collective memory highlight the historicity of Amazonian quilombos, emphasizing their economic autonomy, social organization based on common land use, and the escape as a founding act of freedom and resistance. Through a critical and comparative reading, it is argued that travel narratives, despite being marked by prejudice, constitute fundamental records for understanding quilombola resilience in the Amazon. By reconstructing the meanings of mocambo and quilombo, the analysis reveals the transformation of stigmatized colonial categories into symbols of struggle and identity, reaffirmed today by remnant communities.

¹ Professor Doutor, IFSP, campus São Paulo albuquerquebomfim@ifsp.edu.br

² Professora Doutora, IFPA, campus Santarém clarissa.cavalcante@ifpa.edu.br

KEYWORDS: quilombos; travelers in Brazil; Amazon history; decolonial perspectives; collective memories.

INTRODUÇÃO

A história dos *mocambos* (assim chamados, pejorativamente, os quilombos na virada para o século XX) da Amazônia foi marcada pela invisibilidade, sobretudo, quando comparada à ênfase dada, por exemplo, ao Quilombo dos Palmares na historiografia oficial. Na realidade, no Baixo Amazonas, os quilombos do rio Trombetas (no noroeste do atual estado do Pará) surgiram como refúgios de escravizados fugidos desde o final do século XVIII, consolidando-se como espaços de resistência e liberdade.

No século XIX, missionários que percorreram os rios amazônicos em expedições de catequese e militares enviados após a Cabanagem (1835–1840) registraram a presença desses mocambos. Suas descrições trazem a marca do olhar colonial: apresentavam os quilombolas como marginais e desordeiros, e justificavam a repressão com argumentos de ordem moral e racial. As expedições militares, em especial, buscavam destruir povoados, capturar líderes e incendiar roçados. Apesar da violência, não conseguiram eliminar os agrupamentos, que se reorganizavam em novas localidades do Trombetas, reafirmando sua autonomia.

No início do século XX, a exploradora francesa Marie Octavie Coudreau publicou *Voyage au Cuminá* (1901), *Voyage à la Mapuera* (1901) e *Voyage au Rio Curuá* (1903). Seus relatos descrevem as comunidades quilombolas como preguiçosas, degeneradas e dadas à desordem, reforçando estereótipos coloniais. Ao mesmo tempo, registram práticas de sociabilidade, festas, religiosidade e formas de territorialização que revelam a vitalidade desses grupos.

Em contraposição, a memória social e a historiografia contemporânea evidenciam a historicidade dos quilombos amazônicos, ressaltando a organização comunitária baseada no uso comum da terra e a fuga como ato fundador de liberdade. Essa releitura permite compreender os quilombos do Trombetas não como espaços marginais, mas como territórios de resistência e como expressão de uma autoabolição da escravidão (Moura, 1959).

METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, centrada na análise documental e historiográfica. As fontes primárias incluem relatos de expedições militares de repressão após a Cabanagem (1835–1840) – como descritas, até mesmo num tom crítico, por um observador como Derby (1898) – e, em especial, obras de Marie Octavie Coudreau: *Voyage au Cuminá* (1901), *Voyage à la Mapuera* (1901) e *Voyage au Rio Curuá* (1903). O exame crítico desses textos permitiu confrontar seu valor documental com os preconceitos coloniais que moldaram suas descrições sobre os quilombolas. Em diálogo com essas fontes, recorreu-se à historiografia contemporânea (Moura, 1993; Reis; Gomes, 1996) que ressignifica a experiência quilombola, especialmente na Amazônia (Reis, 1982; Salles, 1971). O livro *Negros do Trombetas: guardiões de matas e rios* (Acevedo; Castro, 1998) evidencia a territorialidade e a identidade política das comunidades remanescentes, enquanto o estudo de Santos (2017) analisa como os relatos de viajantes do século XIX construíram representações estigmatizadas dos mocambos. O método combinou crítica de fontes — voltada a identificar o contexto e os interesses que atravessam os relatos coloniais — com uma leitura decolonial, que valoriza as vozes e memórias das comunidades. Assim, buscou-se articular a descrição dos viajantes com a memória social quilombola, ressaltando tanto os vieses excludentes quanto as práticas de resistência e de autoabolição (Moura, 1959).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos relatos de viajantes do século XIX e início do XX revela como a perspectiva colonial influenciou profundamente as representações sobre os quilombos do Trombetas e do Baixo Amazonas. Nas descrições de Marie Octavie Coudreau, os quilombolas foram retratados como preguiçosos, violentos e inclinados à desordem. Essa narrativa reforçava estereótipos raciais e

funcionava como justificativa para a marginalização dessas comunidades diante do Estado e da sociedade regional. Ao mesmo tempo, porém, os próprios registros da exploradora evidenciam práticas de sociabilidade e resistência: a presença de lideranças reconhecidas, a realização de festas prolongadas, a devoção religiosa reinterpretada em moldes afrodescendentes e a nomeação de territórios. Esses elementos demonstram que, ainda que atravessadas pelo preconceito, as narrativas coloniais acabaram por documentar a vitalidade cultural e política das comunidades quilombolas.

Quando confrontadas com a historiografia contemporânea, essas representações adquirem novos significados. Acevedo e Castro (1998) e Schwartz (2001) destacam os mocambos como espaços de refúgio e reorganização social, estruturados no uso comum da terra e em práticas agroextrativistas que garantiam a sobrevivência comunitária. Para esses autores, a fuga simboliza um ato de autoabolição (Moura, 1959), no qual os quilombolas se proclamaram livres antes mesmo da abolição legal, ressignificando a própria experiência da escravidão. Santos acrescenta que, embora os relatos de viajantes tenham carregado forte carga de estigmatização, eles permitem reconstruir a historicidade da presença negra no Trombetas, revelando como as designações externas — “mocambeiros”, “degenerados”, “desordeiros” — eram, na verdade, instrumentos de controle e invisibilização.

Esse confronto entre fontes revela uma tensão fundamental: de um lado, o olhar colonial que interpretava os quilombos como sinais de degeneração e atraso; de outro, a historiografia e a memória coletiva que ressaltam a autonomia, a territorialidade e a resiliência dessas populações. A análise crítica das crônicas de viagem, articulada com a produção historiográfica recente, mostra que os quilombos do Trombetas devem ser compreendidos como territórios de liberdade, construídos a partir da resistência cotidiana, e não como espaços marginais. Essa mudança de perspectiva evidencia a importância de uma leitura decolonial, capaz de desconstruir estigmas e reconhecer a centralidade das comunidades quilombolas na história amazônica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos relatos de viajantes e da historiografia contemporânea mostra que os quilombos do Trombetas e do Baixo Amazonas não podem ser reduzidos às visões coloniais que os associavam à barbárie e à desordem. Por outro lado, ainda que permeados por preconceitos, os escritos de autores como Marie Octavie Coudreau preservaram informações valiosas sobre práticas culturais, formas de sociabilidade e estratégias de territorialização. Lidos criticamente, esses registros contribuem para compreender a historicidade da presença negra na Amazônia e revelam dimensões do cotidiano quilombola que dificilmente seriam conhecidas apenas pelas fontes oficiais (Almeida, 2011).

A historiografia recente reforça essa leitura ao interpretar os mocambos como espaços de autonomia, sustentados pelo uso comum da terra, pela organização comunitária e pela memória da fuga como ato fundador de liberdade. A comparação entre as narrativas coloniais e as análises atuais evidencia a necessidade de uma leitura decolonial, que não nega o valor documental dos relatos, mas o reinscreve em chave crítica, capaz de separar o olhar estigmatizante das práticas efetivas de resistência.

Dessa forma, os relatos de viagem deixam de ser apenas instrumentos de marginalização e passam a compor, ao lado da memória social, um acervo essencial para compreender os quilombos como territórios de liberdade e como parte constitutiva da história amazônica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em Agriculturas Amazônicas – PPGAA – da Universidade Federal do Pará (UFPA), que me proporcionou a realização de uma investigação de pós-doutorado no ano de 2024, sob supervisão do Prof. Dr. Maurício Gonsalves Torres. Clarissa Maciel Cavalcante contribui com a indicação de novas leituras e viajantes.

REFERÊNCIAS

ACEVEDO, Rosa; CASTRO, Edna. **Negros do Trombetas**: guardiões de matas e rios. Belém: CEJUP, 1998.

ALMEIDA, A. W. B. de. **Quilombos e a nova cartografia social**: territorialidades negras no Brasil contemporâneo. Manaus: UEA Edições, 2011.

COUDREAU, M. O. **Voyage au Cuminá**. Paris: A. Lahure, 1901.

COUDREAU, M. O. **Voyage à la Mapuera**. Paris: A. Lahure, 1901.

COUDREAU, M. O. **Voyage au Rio Curuá**. Paris: A. Lahure, 1903.

DERBY, O. O Rio Trombetas. **Boletim do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia**, Belém, Tomo II, p. 366-382, 1898. Disponível em: <https://repositorio.museu-goeldi.br/handle/mgoeldi/1087> Acesso em: 28 set. 2025.

MOURA, Clóvis. **Rebeliões da Senzala**: Quilombos, Insurreições e Guerrilhas. São Paulo: Editora Zumbi, 1959.

MOURA, C. **Quilombos: resistência ao escravismo**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1993.

REIS, A. C. F. **A Amazônia e a Cobiça Internacional**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

REIS, J. J.; GOMES, F. dos S. (orgs.). **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SALLES, V. **O negro no Pará sob o regime da escravidão**. Belém: IAP, 1971.

SANTOS, J. P. dos. *Mocambos do Trombetas: viajantes e exploradores de 1850–1915*. **WAMON – Revista dos Alunos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFAM**, Manaus, v. 2, p. 101–116, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/wamon/article/download/3491/3256>. Acesso em: 1 set. 2025. Acesso em: 15 set. 2025.

SCHWARTZ, S. B. **Escravos, roceiros e rebeldes**. Bauru: EDUSC, 2001.